



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



FACULDADE DE LETRAS

REFLEXÕES SOBRE O TERRORISMO NA PEÇA *LES JUSTES* DE CAMUS

Gustavo Gomes Pinto Carapiá

Rio de Janeiro

2017



GUSTAVO GOMES PINTO CARAPIÁ

REFLEXÕES SOBRE O TERRORISMO NA PEÇA *LES JUSTES* DE CAMUS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Francês.

Orientadora: Professora Doutora Celina Maria Moreira de Mello

RIO DE JANEIRO

2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

Carapiá, Gustavo Gomes Pinto .  
Reflexão sobre o terrorismo na peça Les Justes de  
Camus/Gustavo Gomes Pinto Carapiá. -2017.  
28 f.  
Orientador: Celina Maria Moreira de Mello.  
Monografia (graduação em Letras habilitação  
Português - Francês ) - Universidade Federal do Rio de  
Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 28.  
1. Albert Camus . 2. Terrorismo. I Mello, Celina Maria  
Moreira de; II - Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Faculdade de Letras. III - Título.

## **AGRADECIMENTO**

À minha família, que possibilitou e incentivou meu caminho pelos estudos.

Aos meus professores, que compartilharam seu conhecimento e atenção. Em especial à professora Celina que, pacientemente, me orientou nessa monografia.

Aos meus amigos, que nos momentos difíceis conseguiram me ajudar a superar os desafios encontrados.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. O DISCURSO LITERÁRIO DE CAMUS.....	9
2.1 Origem argelina.....	9
2.2 Camus e o jornalismo.....	11
2.3 Camus e o teatro.....	13
3. O CICLO DA REVOLTA.....	15
3.1 Ciclo do absurdo e o ciclo da revolta.....	15
3.2 Obras do ciclo da revolta.....	17
3.3 A revolta.....	18
4. <i>Les Justes</i> .....	21
4.1 Personagens e enredo.....	21
4.2 A estrutura dialógica.....	23
4.3 Stepan e Kaliayev.....	24
4.4 Dora Doulebov.....	25
5. CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

## 1. INTRODUÇÃO

Albert Camus foi um nome de projeção da literatura e da filosofia do século XX e, apesar da sua morte precoce, seus livros são importantes para entender os acontecimentos que se passaram na época, como a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria, e seus efeitos que repercutem até hoje. Sua origem argelina permitiu um ponto de vista diferente daquele proposto pelos filósofos franceses cujos textos já se encontravam fortemente influenciados por uma tradição antiga e uma sistematização muito rígida de que o autor procurava escapar através de uma produção textual que ia do ensaio ao romance e o teatro. Através dessas obras de diversos gêneros, Camus se tornou um dos teóricos mais importantes do existencialismo, ao lado de Jean-Paul Sartre, com quem cultivaria uma grande amizade que teve fim devido às suas discordâncias quanto à política da União Soviética.

Este trabalho tem como objetivo analisar, através de uma leitura temática do texto da peça *Les Justes* (1950), de que modo Albert Camus se posiciona acerca da questão do terrorismo que se apresenta como tema central do drama. A peça relata acontecimentos que se passaram antes da Revolução Russa e discute quais seriam os limites da ação revolucionária que em busca de um futuro mais justo não se absteve de cometer atos violentos. Para essa análise, leremos outros textos do mesmo autor, dentre eles o ensaio *L'Homme Révolté* (1951), que possui uma íntima ligação com a peça pois teoriza os textos que ele publica nessa fase de sua obra, assim como artigos que ele assina e textos de teóricos que estudaram a obra de Camus para melhor entender como o ponto de vista do autor transparece em seus textos.

Primeiramente, estudaremos as características da escrita literária de Camus, que conscientemente fez a escolha de se afastar de um texto estritamente filosófico e preferiu expor seu posicionamento em formas narrativas, de ensaio ou dramáticas. Esse estudo será feito a partir da biografia do autor, visto que suas obras estão intimamente ligadas ao contexto em que elas foram produzidas. Sua origem humilde, sua relação com a comunidade árabe da Argélia, sua passagem como jornalista durante e após a Segunda Guerra Mundial, todas essas etapas de sua trajetória marcaram fortemente a escrita do autor que propunha sempre uma reflexão sobre os fatos que aconteciam nessa época conturbada da história.

Após essa introdução à obra e à vida de Camus, nos dedicaremos à análise do Ciclo da Revolta, conjunto de escritos planejados pelo autor no qual a peça *Les Justes* está inserida assim como o ensaio *L'Homme Révolté*, o romance *La Peste* (1947) e a peça *L'État de Siège* (1948). Levaremos em conta a decisão do autor por esse recorte, sua oposição ao Ciclo do

Absurdo, no qual se incluem as obras *L'Étranger* (1942), *Le Mythe de Sisyphe* (1942), *Caligula* (1944) e *Le Malentendu* (1944), e a escolha de determinados gêneros literários: o ensaio, o romance e o drama. Essa escolha nos revela como o autor possui uma produção literária coesa com sua trajetória como também suas obras são intensamente ligadas entre si e completam o sentido uma da outra fazendo parte de um plano maior.

Por fim, faremos uma análise da obra *Les Justes*, em que o gênero dramático é utilizado para expor o posicionamento do autor ao tratar do terrorismo. Nesse texto, o autor utiliza-se de um texto dialógico para fazer ressoar sua voz nos personagens e é através dos contrastes ideológicos expostos no textos que são ressaltadas as questões filosóficas que estão em jogo. O texto propõe uma reflexão complexa: até onde é legítimo ir atrás de um ideal de mundo melhor? As mortes causadas por um terrorismo revolucionário seriam compensadas pela instalação de um sistema econômico mais justo?

Essas questões foram enfrentadas por Camus, que acabou pagando seu preço por elas mas nunca se esqueceu de sua origem ou das pessoas simples com as quais ele conviveu e que são sempre as mais afetadas por disputas ideológicas que muitas vezes não as levam em conta.



## 2. O DISCURSO LITERÁRIO DE CAMUS

Nesta parte do trabalho, nos dedicaremos a estudar um pouco da obra e vida de Camus. Para isso, serão abordados aspectos da vida do autor que foram centrais para a formulação do que ele escreveu tanto como autor literário quanto como pensador. Os assuntos principais a serem abordados são: sua origem argelina e a situação política do país em que ele nasceu; seu trabalho como jornalista em jornais franceses e argelinos; sua paixão pelo teatro e as características de seus trabalhos na arte dramática.

A partir dessa abordagem, esperamos entender um pouco do contexto em que suas obras foram criadas e de que forma esse contexto marcou sua escrita. Dessa forma, isso nos ajudará mais à frente, visto que seus textos literários sempre mantiveram uma relação estreita com os acontecimentos sociais e políticos de sua época. Essa relação torna uma tarefa quase impossível estudarmos seus textos sem compreender os acontecimentos que marcaram sua vida e portanto sua obra.

A necessidade de entender seu tempo sempre foi explícita em Camus. Sobre isso ele escreve na introdução do ensaio *L'Homme Révolté*: "*Le propos de cet essai est une fois de plus d'accepter la réalité du moment, qui est le crime logique, et d'en examiner précisément les justifications: ceci est un effort pour comprendre mon temps*" (CAMUS, 2015, p. 16). Faremos então o caminho inverso do autor, tentaremos compreender o tempo em que ele viveu para assim podermos melhor ler seus textos.

### 2.1 Origem argelina

Albert Camus nasceu no dia 7 de novembro de 1913 na cidade de Mondovi na Argélia às vésperas da Primeira Guerra Mundial. Seu pai, Lucien Camus, morreria dez meses mais tarde em uma batalha enquanto servia o exército francês. Passou sua infância e adolescência em Argel, cidade para onde se mudou com sua mãe, Catherine Sintés, e seus irmãos após a morte de seu pai. Devido à nacionalidade de seus pais, que eram franceses, Camus é considerado um *pied-noir*, nome dado aos filhos de franceses que moravam nas colônias da África do Norte.

Ser um colono francês na Argélia significava ter mais direitos do que a comunidade árabe-muçulmana, mas Camus ainda pertencia à classe operária o que lhe rendeu uma infância de pobreza. Apesar de sua condição, desde os dez anos de idade, a ele foi permitido

continuar seus estudos como bolsista na escola de Alger. Essa oportunidade, a qual muitos filhos da classe operária não podem aproveitar, foi vital para seu desenvolvimento literário e filosófico. O autor chegaria a tentar uma vaga no magistério superior, mas uma tuberculose contraída durante uma partida de futebol viria a acabar o impedindo de exercer essa função.

A vivência de Camus na Argélia vai ser marcada não somente pelo sol e pela praia pelos quais era apaixonado, mas também pelas condições degradantes às quais a comunidade árabe-muçulmana era submetida apesar de não pertencer a ela. Ser árabe no país significava ser um cidadão de segunda classe. O autor, para quem a ideia de justiça exercia um apelo muito forte, considerava essas condições inaceitáveis, o que fez com que ele intercedesse mais de uma vez em artigos de jornais a favor da causa árabe e contra os excessos cometidos pelo exército francês. Em três casos, Camus escreveria uma série de artigos questionando o sistema judiciário argelino: a acusação de corrupção contra Michel Hodent, de assassinato contra o sheikh Taïeb El Okbi e de incendiar goubis - habitações populares típicas da África do Norte - contra nove trabalhadores agrícolas (cf. 2.2). *"Dans les trois cas, l'institution judiciaire est un instrument au service du statu quo colonial. Elle conforte les privilèges d'une caste, des inégalités, une injustice économique et sociale"* (GRENIER, 2013, p. 49)

Essa tensão observada pelo autor culminaria na Guerra da Argélia, que duraria de 1954 a 1962 e causaria um enorme número de baixas para os dois lados. Esse conflito buscava a independência da Argélia pela comunidade árabe-muçulmana, que desejava se libertar do domínio francês.

...elle (La Guerre d'Algérie) s'inscrit dans le vaste mouvement d'émancipation des peuples coloniaux qui, en une vingtaine d'années, a signifié leur déclin aux nations impériales de la vieille Europe et opéré cette immense redistribution des enjeux dont témoigne la complexité du système actuel des relations internationales.

(DROZ, 1985, p. 81)

Algumas marcas desse conflito foram os atos terroristas cometidos pelo lado árabe que atingiam instituições francesas e a prática generalizada de tortura cometida pelo exército francês que massacrou a comunidade muçulmana. Essa guerra teve um número alto de vítimas civis, as quais não foram poupadas da violência extrema do conflito.

Motivado justamente pelas mortes de inocentes, Camus irá tentar interceder diretamente no conflito. Primeiramente, no final de 1955, escreveria uma série de editoriais no jornal *L'Express* no qual clamaria por uma trégua civil em que ambos os lados se comprometessem a poupar civis. Não sendo suficiente para ele sua ação distante como jornalista, decide, em 1956, discursar para árabes e franceses na tentativa de convencê-los a se comprometerem a sua proposta.

*Born and raised in a working-class neighborhood of Algiers, Camus straddled two dramatically different worlds. There was, on the one hand, his visceral attachment to the people and places of French Algeria; on the other hand, he had an equally fierce commitment to the French republican ideals of liberty, equality and fraternity. [...] Camus fought for the extension of these ideals to the eight million Arabs and Berber living under French rule.*  
(ZARETSKY, 2016, s. p.)

Seu discurso não surtiria nenhum efeito prático e a guerra só terminaria dois anos após sua morte, mas esse ato demonstra sua motivação em interceder em causas de seu tempo, principalmente naquelas consideradas por ele injustas.

## 2.2 Camus e o jornalismo

Impedido de ocupar algum cargo no magistério, foi como jornalista que Camus encontrou, além de uma maneira de se sustentar, uma paixão. Durante toda sua vida, escreverá em jornais e exercerá essa função como uma forma de ativismo. Seja denunciando as políticas colonialistas em jornais argelinos ou contribuindo para a resistência francesa no jornal *Combat*, escreverá centenas de artigos em que não abdicará de tomar partido nas causas que lhe parecerem justas.

O primeiro jornal em que trabalhou e lhe serviu de escola foi o *Alger Républicain*, jornal que durou apenas de 1938 a 1939. A equipe do jornal era pequena e composta na maioria por iniciantes como Camus. A linha editorial do jornal era combativa e seguia os ideais do *Front populaire*, coalizão de partidos de esquerda franceses que existiu na mesma época. "*Les actionnaires appartiennent à la petite bourgeoisie européenne. Ce sont des enseignants de tous degrés, des négociants, des fonctionnaires syndiqués. Ils sont socialistes,*

*démocrates, républicains, laïques.*" (GRENIER, 2013, p. 23). Camus começou fazendo reportagens mas não demorou para escrever editoriais e até crônicas literárias. Assinados com o nome dele ou pseudônimo, existem mais de 150 artigos dele dessa época.

Foi durante esse período que escreveria uma série de artigos cujo conjunto seria intitulado como *Misère de Kabylie*. Nesses artigos, Camus desmentiria a versão oficial das benesses da colonização e denunciaria a situação alarmante em que viviam os habitantes da região da Cabília.

*Il accumule les statistiques pour dire la surpopulation, le chômage massif, les salaires dérisoires. Le réseau routier est en mauvais état, les gourbis sont misérables, les rues sont des cloaques, les écoles, ardemment demandées par la population et les dispensaires sont rares, l'eau manque.*  
(GRENIER, 2013, p. 26-27)

A intenção de Camus não era de fazer propaganda anticolonialista, mas, através de uma análise da situação vivida e suas causas, de que seus leitores pudessem se dar conta da situação em que vivia boa parte da população argelina.

Camus também foi um crítico severo do sistema de justiça colonial, que se utilizava de seu poder para favorecer certas classes enquanto perseguia outras. Essa crítica está presente em três séries de artigos em que o autor defende árabes que, de acordo com ele, estavam sendo julgados injustamente. O primeiro caso é de Michel Hodent, agente técnico agrícola que trabalhava impedindo que grandes fazendeiros e intermediários especulassem com o preço dos cereais e que acabou sendo acusado de desviar remessas de grãos. Após uma série de artigos denunciando a arbitrariedade do julgamento, ele consegue que Hodent seja julgado inocente. Outro caso foi o do sheick El Okbi, que foi acusado de assassinato mesmo após três anos o processo ter sido parado por falta de provas. Nesse caso, os artigos escritos por Camus também foram importantes para a interrupção do processo. O terceiro caso em que o autor fez a defesa dos acusados foi no processo contra nove trabalhadores agrícolas que participavam dentro do sindicato na luta por melhores salários e eram acusados de terem incendiado habitações. Nos artigos, Camus questionava a severidade da pena, os acusados seriam mandados para o campo de trabalhos forçados, comparada ao tamanho do delito, que era incendiar casas desabitadas. Ele ressaltou a criatividade no processo de fazerem parecer que

essas casas eram grandes edifícios habitados. Apesar da militância de Camus, a pena dos trabalhadores foi mantida.

Devido a essa postura política do jornal, da qual Camus fazia parte, o periódico vai sofrer muito com a censura instaurada por causa da guerra. Com isso surge *Le Soir Républicain*, uma versão mais simples do jornal principal. O *Alger Républicain* para de ser publicado pouco tempo depois e Camus fica encarregado de ser o redator-chefe da nova publicação. O autor se sente mais livre para exercer um jornalismo ainda mais combativo mas, em 1940, o governo argelino acaba por interromper a impressão desse jornal.

Sem a esperança de conseguir outro emprego na Argélia, Camus se muda para Paris. Na capital francesa, Pascal Pia, ex-diretor do *Alger Républicain*, consegue uma vaga de secretário de redação no *Paris Soir* para Camus. Mas o autor não publicaria uma linha no seu novo emprego, ele se dedicaria somente a atividades técnicas. A linha editorial da publicação que misturava notícias com entretenimento, além da posição moderada do diretor do jornal, não agradaria Camus, que apenas se manteve no emprego por questão de subsistência.

O ímpeto político do escritor não ficaria por muito tempo guardado. Em 1943, Pascal Pia novamente o convida para trabalhar em outro jornal. Dessa vez tratava-se do *Combat*, publicação clandestina que fazia parte da resistência francesa e sofria dura perseguição da ocupação nazista. Apesar das adversidades, o jornal conseguiu realizar grandes tiragens antes que fosse tirado de circulação. Durante a ocupação, Camus escrevia anonimamente para o jornal e depois da liberação da França ele, como redator-chefe, seria um dos grandes responsáveis pela publicação no pós-guerra. Apesar de seus esforços, o jornal não duraria muito mais tempo e Camus sai do quadro de funcionários em 1947.

Seu último trabalho seria no *L'Express*, publicação de esquerda que dava ao autor completa liberdade para escrever seus artigos. Camus também publicaria uma coletânea intitulada *Actuelles* que, em três volumes, reunia artigos importantes que ele havia escrito no período em que atuou como jornalista.

### **2.3 Camus e o teatro**

Apesar de ser reconhecido sobretudo por sua carreira literária, uma das atividades à qual Camus se dedicou com mais afinco foi o Teatro. Foi durante sua juventude, nos anos 1930, que se deu sua primeira aproximação com a dramaturgia. Ele foi um dos fundadores da companhia teatral amadora *L'Équipe*. A companhia se apresentava ao ar livre ou em pequenas

salas e representavam um catálogo eclético sem nenhuma discriminação de gênero. As funções que Camus exercia eram as mais diversas, além de ator, diretor e autor, ele também ajudava como maquinista, decorador, entre outras funções. “*Pour Camus, le théâtre fut d’abord effort physique, apprentissage manuel: presque moins une activité intellectuelle qu’un sport.*” (ALBÉRÈS et alli, 1964, p. 158).

Nessa época ele escreveu em conjunto sua primeira obra de dramaturgia, *Révolte dans les Asturies* (1935), que acabaria por ser censurada pelo governo argelino. A peça conta a história de uma insurreição operária que tinha acontecido um ano antes na região de Asturias, na Espanha. Elementos históricos serão fortes fontes de inspiração para as peças de Camus, exemplos disso são as peças *Caligula* e *Les Justes*, inspiradas respectivamente em uma figura do Império Romano e um acontecimento histórico do fim da Rússia Czarista. O autor se utilizará de acontecimentos de épocas distintas para refletir sobre as condições da época vivida.

Após o sucesso com a publicação de *L’Étranger*, Camus se afastará um pouco de sua vocação como trabalhador do teatro para se focar mais na escrita de seus romances, ensaios e peças. Mesmo tendo sua atenção dividida, algumas das montagens de suas peças, com destaque para *Caligula* e *Les Justes*, alcançariam grande sucesso na época. Somente no final dos anos 1950, Camus voltará sua atenção com mais afinco ao teatro, dirigindo e adaptando peças de outros autores. A última peça que ele dirigiria é uma adaptação de *Os Demônios* de Dostoiévski, que estava em cartaz quando o autor sofre o acidente que lhe tira a vida.

---

A partir dos conhecimentos sobre Camus que aqui foram expostos, podem-se ressaltar em sua obra aspectos que foram cruciais em toda sua carreira. O primeiro é seu engajamento. As atividades do autor sempre culminariam em uma intenção de buscar a justiça social. Suas obras sempre tiveram a proposta de modificar, nem que seja apenas o pensamento, da sociedade em sua volta combatendo qualquer tipo de injustiça. Outro aspecto é o espírito coletivo. Nas funções que Camus ocupou, sempre ficou clara a preferência por uma ação em equipe. O companheirismo típico das equipes de futebol podia ser visto em outras áreas como o teatro e o jornalismo, áreas essencialmente de atividades coletivas e que eram tão atrativas para o autor. Seu apreço pela coletividade sempre ficou acima de suas pretensões individuais.

### 3. O CICLO DA REVOLTA

Albert Camus planejou sua obra em ciclos, o ciclo do absurdo e o ciclo da revolta. Os ciclos serão organizados por Camus, de forma que conteriam o mesmo número de obras e mesmos gêneros literários: romance, peça e ensaio. As obras foram concebidas de maneira a ilustrar um conceito filosófico do autor sobre a condição humana e suas reações diante da realidade. Pela percepção de que essas obras estariam interligadas e que seria impossível analisá-las como obras avulsas, faz-se necessário esse recorte no estudo da forma que o autor nos propõe. Logo, compreendemos que o conjunto no qual a peça se insere nos dará pistas essenciais para o entendimento da obra em si e seus desdobramentos filosóficos e literários.

Portanto a partir deste momento do trabalho, iremos estudar o ciclo da revolta, em que se encontra a peça *Les justes*. Para isso, primeiramente iremos traçar um paralelo com o primeiro ciclo, o do absurdo, visto que um pressupõe o outro e para entendermos o conceito de revolta se faz necessário conhecer o conceito de absurdo. Também faremos um pequeno resumo de cada obra pertencente ao ciclo e do modo como elas dialogam entre si e com a proposta que as localiza nesse ciclo. Por último, abordaremos a questão filosófica propriamente dita por trás da divisão feita por Camus, que será mais explícita em *L'Homme Révolté*, obra que, embora fuja dos padrões retóricos dos textos filosóficos, exporá de forma mais aberta o pensamento de Camus.

#### 3.1 Ciclo do Absurdo e o Ciclo da Revolta

Antes de *L'Étranger*, obra de maior sucesso de Camus e que colocou seu nome em evidência no mundo literário, o autor já tinha escrito outras obras, elas são: *L'envers et l'endroit* (1937) e *Noces* (1939) além da peça *Révolte dans les Asturies*. Mas é somente com o romance *L'Étranger* que se dá início ao projeto literário de Camus. Esse será o primeiro romance que irá compor os ciclos planejados pelo autor para a sua obra e que irá ilustrar o conceito de absurdo. O livro contará a história de Meursault, jovem pied noir que sem nenhum motivo aparente assassina um árabe e por esse crime é condenado à morte.

Outras obras que compõem esse primeiro ciclo são as peças *Le Malentendu* e *Caligula*. A primeira é sobre um filho que, após vinte anos, retorna à sua cidade natal e, não sendo reconhecido por sua mãe e irmã, decide, por curiosidade, não revelar sua identidade. As duas, no entanto, o matam para roubar seus pertences; ao saberem a identidade da vítima elas

se matam. A outra peça tem como protagonista um personagem histórico, o imperador romano Calígula que, após a morte da irmã, decide aceitar a condição do absurdo e demonstrar isso aos homens através de ordens que subvertem a organização social da época. O ciclo do absurdo possui mais uma obra: o ensaio *Le Mythe de Sisyphe*, onde abordará mais diretamente a questão do absurdo.

Em sua obra, Camus está sempre em diálogo com a cultura da Grécia antiga e essa ligação será forte nos ensaios que compõem os ciclos, “...Camus associa a cada ciclo de sua obra um mito grego e cada etapa se desenvolve à luz de uma figura mitológica: Sísifo encarna o Absurdo e Prometeu, a Revolta;...” (SILVA, 2008, p. 34). Sísifo é um humano que tenta enganar a morte e permanecer no mundo dos vivos. Por seu crime contra os deuses, é condenado a empurrar uma pedra até o cume de uma alta montanha, a pedra sempre cai a poucos metros do fim da tarefa e é preciso reiniciar seu trabalho pela eternidade. Prometeu é o deus que oferece fogo aos homens e, por seu crime, é preso por toda a eternidade em uma rocha onde uma águia come seu fígado, que sempre se regenera.

A noção de absurdo está muito ligada à morte; Sísifo, que está sempre fugindo da morte embora ela sempre acabe por o encontrar, encarna a própria condição humana. Viver seria então exercer o trabalho interminável de escapar da morte, mesmo que esse trabalho sempre resulte em fracasso. O absurdo está na arbitrariedade de viver uma vida que só se completa em seu sentido, quando atinge o seu oposto, a morte.

...na noção de Absurdo há pelo menos dois sentidos básicos: um primeiro, de gratuidade e de contingência que engloba o aspecto do conflito entre os anseios humanos e a indiferença do mundo (ou em outros termos, o aspecto do caráter não dedutível do mundo, da impossibilidade de uma compreensão exaustiva da realidade e o aspecto do gratuito que emerge na vida humana, aspectos que seriam inerentes à próxima situação humana, mesmo numa realidade própria dos ideais de justiça e de liberdade); e um segundo sentido, de absurdo enquanto “complicação”, ou seja, o aspecto “irracional” da humanidade que atenta contra si própria, tanto do ponto de vista individual quanto social, trata-se aqui do absurdo enquanto soma de males que os homens trazem à precariedade já presente em sua existência.

(SILVA, 2008, p. 31)



Camus então assume a falta de sentido na vida e a necessidade, portanto, de se criar um sentido para se viver. Ao mesmo tempo, ele critica a humanidade que insiste em matar a si mesma em um movimento vão, pois a morte já está garantida.

Ao negar o suicídio e o niilismo como resposta possível para o absurdo, a revolta surgirá como resposta à condição humana, embora essa condição seja o absurdo em si e não existir solução para esse estado. “*La révolte naît du spectacle de la déraison, devant une condition injuste et incompréhensible*” (CAMUS, 1951, p. 23). A revolta é o movimento de significação da vida através da não-aceitação das realidades impostas aos homens. Esse movimento vai assumir diversas formas que irão convergir na luta contra a injustiça e no reconhecimento do outro como um igual e, portanto, com os mesmos direitos.

### 3.2 As obras do Ciclo da Revolta

A primeira obra que irá compor o ciclo da revolta será o romance *La Peste*. Esse livro conta a história de uma cidade onde surge uma doença que começa a matar grande parte de sua população. O foco da história está em um grupo de pessoas que faz de tudo para atenuar os efeitos dessa epidemia, apesar da realidade apontar cada vez mais para a inevitabilidade da morte de todos ou quase todos os habitantes daquela cidade. O romance também mostra como diversos elementos da cidade se comportam diante de um mal inexplicável, dentre esses, o juiz, o padre, o médico, o foragido da polícia.

*La Peste* é uma referência à realidade vivida por Camus durante a ocupação nazista na França e à resistência francesa. Trata-se de uma alegoria do modo como a solidariedade pode ajudar nos momentos em que o desespero parece ser a única opção. A doença é a manifestação física do absurdo, que leva a morte a todos sem distingui-los por idade, sexo e ocupação. Quando o padre tenta enxergar esse mal como um castigo divino pelos pecados cometidos na cidade, a morte de uma criança, figura de um ser inocente e sem pecado, o faz descartar essa hipótese e ele aceita que a resignação a essa realidade é vã.

A peça de 1948, *L'État de Siège*, irá retomar o tema de *La Peste* e nos mostrará uma cidade que também é acometida por uma epidemia, mas dessa vez a narrativa se passa em Cadix, uma cidade da Espanha. Embora as semelhanças entre a peça e o romance sejam grandes, a obra não é uma adaptação teatral. Na peça, o tema do totalitarismo vai estar mais presente na figura da *Peste*, personagem que se utilizará do medo dos cidadãos para tomar o

controle da cidade e implementar um regime autoritário. A resistência a esse regime virá do estudante Diego, que através de seu sacrifício irá conseguir libertar Cadix.

A peça é uma crítica aos regimes autoritários, sua própria localização geográfica nos remete ao regime de Franco, na Espanha, onde ainda estava em vigência uma ditadura. Aspectos como o sitiamento da cidade, assim como a utilização dos anseios da população para lhes tomar a liberdade é uma clara alusão ao totalitarismo que era recente ou atual em muitos países da Europa: a França de Pétain, a Alemanha de Hitler, a Itália de Mussolini, o Regime Soviético, entre outros. “*L’État de Siège propose une représentation allégorique mais informée de l’expérience totalitaire*” (GUÉRIN, 2013, p. 202). A libertação da cidade, por sua vez, não se dá através do autoritarismo e do medo, mas da solidariedade que seria uma resposta possível ao totalitarismo.

As duas outras obras que irão compor o ciclo da revolta são a peça *Les Justes*, objeto de análise desse trabalho (cf. 4), e o ensaio *L’Homme Révolté*. Esse último ensaio será muito controverso e traçará o conceito de revolta para Camus.

### 3.3 A Revolta

Quando Camus decide escrever as obras que iriam expor de forma explícita suas ideias acerca do Absurdo e da Revolta, ele rejeita o modelo filosófico acadêmico e sistemático e opta pela forma de ensaio. Ao realizar essa escolha, o autor se aproxima mais de um texto literário do que de um tratado filosófico, visto sua despreocupação em reivindicar uma posição como filósofo. O autor daria preferência a um livre encadeamento de suas ideias acima de uma forma acadêmica que suporia uma objetividade que Camus não reconhecia.

A opção pelo ensaio está ligada à sua concepção de uma filosofia ciente dos limites do conhecimento, esta opção também é significativa porque existe uma relação entre a escolha de um gênero e o público ao qual se destina o texto.

(SILVA, 2008, p. 84)

Em *L’Homme Révolté*, Camus irá estudar o pensamento de pessoas que manifestaram a revolta em suas obras ou ações, dentre eles, Spartacus, Sade, Nietzsche e Marx. A Revolta é portanto um sentimento que esteve presente em toda a história da humanidade e ela é vista em

dois aspectos pelo autor, a revolta metafísica e a revolta histórica. A primeira é uma revolta contra o divino, não se trata necessariamente de questionar a existência de Deus ou de uma religião, mas de questionar a ordem social vigente como reflexo de uma elaboração metafísica. A revolta histórica já abandonaria os questionamentos de ordem metafísica e teria por base o materialismo. Não seria portanto uma revolta contra uma entidade superior, seria o cumprimento da história em si, ou seja, a revolta como processo inevitável de transformação da humanidade.

A Revolta é portanto uma atitude frente ao absurdo. “A Revolta é uma resposta ao Absurdo, ela dá ao homem o meio de se definir a si próprio, de encontrar sua identidade ao tomar consciência do que ele quer e do que ele rejeita.” (SILVA, 2008, p. 85). Ela tem origem portanto no reconhecimento de sua condição e também na identificação do outro como um igual, ou seja, é o despertar do sentimento de justiça frente à desigualdade entre os homens. “*Je me révolte, donc nous sommes.*” (CAMUS, 2015, p. 38).

A necessidade de Camus de analisar a Revolta surgiu da experiência do pós-guerra e a bipolarização mundial em que dois lados opostos reivindicavam para si a hegemonia ideológica. Nesse contexto, a morte havia sido banalizada e o ensaio é uma crítica aos assassinatos cometidos pelo estado, que justifica essa morte por uma ideia de bem maior. A crítica se dirigia principalmente à União Soviética que em nome da revolução não se constringia em exercer um governo extremamente repressivo e autoritário.

O lançamento de *L'Homme Révolté* será responsável por uma polêmica que porá fim a amizade de Camus e Sartre que se desenvolvia desde os tempos da Resistência. Sob ordens de Sartre, Francis Jeanson escreve uma resenha do ensaio na revista *Temps Modernes* em que desfere severos ataques à obra de Camus. A revista decide publicar uma resposta do autor que acaba por responsabilizar Sartre pela crítica desfavorável. Sartre responde com outro artigo que defende a responsabilidade de se participar dos combates sociais e reforça o ataque a Camus.

Tanto Sartre quanto Camus evocavam a figura do intelectual engajado e gozavam de grande prestígio graças as suas participações na Resistência. O ensaio exporia as diferenças de posição que cada um assume frente às revelações dos crimes de Stalin. Enquanto Sartre via no fortalecimento do Partido Comunista Francês e, conseqüentemente, um apoio ao projeto do partido, que mantinha estreitas relações com o regime soviético; uma aliança estratégica a qual não poderia se dar o privilégio de rejeitar para se alcançar uma futura revolução. Camus, por sua vez, mantinha sua posição de intransigência frente a qualquer ato de barbárie

cometido por qualquer um dos lados. “Para Camus, os crimes do totalitarismo devem ser denunciados sem esperas nem circunstâncias atenuantes.” (SILVA, 2008, p. 96).

---

O Ciclo da Revolta é, para a obra de Camus, o momento em que são traçados limites éticos na ação em resposta ao absurdo. Não se trata mais de analisar a situação em que se encontra o homem, mas de saber se as respostas dadas por ele são respostas possíveis ou desejáveis. Trata-se de uma segunda etapa em seu trabalho, que traçou fronteiras muito rígidas entre o que seria aceitável no combate à injustiça ou não. O valor da vida humana sempre o atraía mais do que qualquer promessa de uma futura revolução, inclusive, via no desprezo à vida, a falência de qualquer regime que viesse a se estabelecer. A questão do terrorismo vai ser muito importante no debate proposto por Camus, na medida em que a morte e a justiça entram em rota de colisão nesse tipo de ação.

#### 4. LES JUSTES

A peça *Les Justes* é baseada em um acontecimento real e ilustra um pouco das ideias desenvolvidas no ensaio *L'Homme Révolté*. O drama conta a história de um grupo revolucionário russo que planeja o assassinato do Grão-duque. Um de seus integrantes desiste de realizar o ato após perceber que o ataque causaria a morte de duas crianças. Apesar da forte motivação pela causa, o revolucionário se recusa a causar a morte de inocentes e gera reações diversas no grupo. Até onde podemos ir em busca de um ideal ou bem maior? Essa pergunta paira durante toda a peça em que a vida e morte se tornam instrumentos de luta.

Primeiramente, iremos detalhar os personagens que se encontram nessa peça e os acontecimentos que ocorrem durante os cinco atos da obra. Depois abordaremos a relação entre Kaliayev e Stepan, que entram em choque desde o primeiro encontro e apresentam visões opostas em relação aos métodos e motivações adotados pelo grupo. Por fim, estudaremos a personagem Dora, que, apesar de ser compreensiva com os motivos de Kaliayev, demonstra uma visão menos romantizada da luta e explicita as contradições que a ação terrorista apresenta.

##### 4.1 Personagens e enredo

Com exceção do quarto ato, a peça se passa em interiores de apartamentos que funcionam como esconderijo para uma célula de um grupo revolucionário referido como *L'Organisation*. Apesar de não tornar isso explícito durante toda a peça, imaginamos tratar-se de um grupo comunista devido ao seu contexto histórico e ao fato de que ela se baseia em acontecimentos reais que se passaram em 1905, quando a prática de atentados contra autoridades que representassem o Czarismo era comum entre algumas organizações comunistas. Seus integrantes formam uma pequena comunidade onde cada um exerce uma função determinada. “*La cellule de base est une micro-société hiérarchisée.*” (GUÉRIN, 2013, p. 204). O ambiente fechado reforça a noção de fraternidade que não apenas une o grupo mas também permite sua existência na clandestinidade, o espaço do grupo se torna um espaço quase familiar.

*La fraternité est la valeur qui fonde et justifie le groupe. Être frère et avoir un chef, donc un père, c'est une seule même chose. Le discours fraternel occulte des divergences, des rivalités, des ambitions concurrentes peut-être. Il fait prévaloir une subculture d'organisation, une communauté de comportement.*

(GUÉRIN, 2013, p. 205)

Os membros desse grupo são Ivan Kaliayev, responsável por lançar a bomba na carruagem do grão-duque e também conhecido entre eles como poeta; Stepan Fedorov, membro que acaba de voltar do *bagne*, prisão onde se realizavam trabalhos forçados, e antagoniza com Kaliayev; Dora Doulebov, única mulher do grupo e a responsável por fabricar a bomba; Boris Annenkov, o líder da célula e porta-voz oficial do grupo do qual eles fazem parte; e Alexis Voinov, um ex-estudante universitário que tem a função de jogar uma segunda bomba caso a primeira falhe.

O primeiro ato da peça se passa na véspera da primeira tentativa de assassinato do Grão-duque e coincide com a chegada de Stepan do *bagne*. Ao conhecer Kaliayev, que fora designado para lançar a primeira bomba, Stepan receia que o companheiro não seja capaz de realizar o ato e deseja que ele mesmo seja o responsável por realizá-lo. Annenkov nega o seu pedido considerando que o plano tinha que ser executado como foi planejado e Kaliayev reafirma sua vontade em cometer o atentado, mas, mesmo assim, Stepan, que se cria mais experiente e preparado, expressa desconfiança.

O ato seguinte acontece no dia posterior, o dia planejado para a execução do atentado. Dora e Annenkov esperam no apartamento notícias do atentado, mas se surpreendem quando Voinov os encontra e anuncia que as bombas não foram lançadas. Após não ouvir a explosão de Kaliayev, ele mesmo não consegue lançar sua bomba. Stepan e Kaliayev voltam ao apartamento e contam o que aconteceu, crianças estavam na carruagem que levava o Grão-duque e faltaram forças para Kaliayev atacar a carruagem. Stepan o repreende afirmando que ele devia ser designado para o ataque, Dora o defende e Annenkov decide correr o risco de esperar para realizar uma segunda tentativa de ataque.

Dois dias depois, momentos antes da nova tentativa de atentado, tem início o terceiro ato. Voinov percebe que não conseguirá lançar a bomba e abandona o grupo e sua missão para exercer outra função na *Organisation*. Com a desistência de seu companheiro, Annenkov decide que ele mesmo será o responsável por lançar a segunda bomba caso a de Kaliayev

falhe. Annenkov não precisa lançar a bomba, Kaliyev dessa vez é bem sucedido no atentado, Dora e Stepan observam do apartamento a missão bem-sucedida. Enquanto Stepan comemora, Dora reconhece a responsabilidade do grupo no assassinato do Grão-duque.

O quarto ato é o primeiro que não se passa no apartamento onde os militantes estavam instalados. Nesse ato, Kaliyev está na prisão devido ao seu envolvimento na morte do grão-duque. Na cela, ele encontra Foka, um outro preso que trabalha como carrasco nas execuções em troca da redução de sua pena e que revela posteriormente que será ele o executor de Kaliyev. O militante também se encontra com Skouratov, o diretor do departamento de polícia que lhe apresenta a Grã-duquesa, que oferece perdão a Kaliyev em troca de uma declaração de arrependimento. Skouratov revela que se trata de um plano para divulgar seu encontro com a Grã-duquesa e fazer acreditar que Kaliyev havia traído os seus companheiros.

No último ato, os membros restantes do grupo esperam notícia da execução de Kaliyev. Um sentimento contraditório se faz presente: se ele foi fiel ao grupo, ele será executado; se ele for perdoado, significa que ele pediu perdão e traiu seu grupo. Eles recebem a notícia da morte de Kaliyev. Diante da notícia da morte de seu companheiro, Dora pede para ser a responsável por jogar a bomba em um próximo atentado.

## 4.2 A estrutura dialógica

A opção de Camus por não se utilizar de uma escrita filosófica acadêmica o fez adotar gêneros textuais diversificados para a sistematização e exposição de suas ideias. Logo, toda obra sua, especialmente as que estão inclusas nos ciclos do absurdo e da revolta, possuem um caráter alegórico em que o subentendido adquire uma importância maior do que aquilo que está em primeiro plano.

A reviravolta em *Les Justes* acontece no primeiro ato, quando Kaliyev se vê incapaz de lançar a bomba, a partir desse momento, todas as ações acordadas entre o grupo se desenrolam da maneira prevista e o desfecho final é o mesmo esperado caso ele lançasse a bomba da primeira vez. A falta de suspense ou surpresa não se torna uma falha na medida em que o cerne do drama de Camus não está nas ações realizadas pelos personagens, o drama se centra nos conflitos ideológicos envolvendo questões de moral que acontecem entre uma ação e outra.

A trama se desenvolve a partir das discussões travadas pelo grupo. Esse estilo dialógico faz Camus se aproximar mais das formas de escrita dos filósofos gregos, que havia estudado em sua passagem pela academia, cujas ideias eram expostas em diálogos ao invés da prosa corrida, adotada pelos pensadores que eram seus contemporâneos. Nesse embate travado por seus personagens, é desenvolvida a tese de Camus de que o terrorismo pode se tornar uma ação niilista, em que os resultados perdem sua importância, ao invés de representar um instrumento da revolta.

### 4.3 Stepan e Kaliayev

Partindo desse princípio, é importante ressaltar que o conflito mais em evidência é aquele que opõe Stepan e Kaliayev. Apesar de estarem do mesmo lado, ou contra o mesmo inimigo, os dois exercem papéis diametralmente opostos. Enquanto Stepan apresenta uma visão mais radical da realidade, em que não há espaço para dúvida ou hesitação e a finalidade da luta se põe acima de qualquer questão moral, Kaliayev possui uma visão mais romantizada da luta revolucionária.

Stepan é o militante totalmente envolvido com a causa. Sua passagem na prisão o fez mais resolutivo em suas concepções e vontade em ir até o final para alcançar a revolução. Acredita que para que a revolução tenha sucesso, seja necessária uma disciplina quase cega, em que se confie plenamente nas ordens da *Organisation* e assim se ponha um fim ao sistema monárquico. “*Il faut une discipline. J'ai compris cela au bagnon. Le parti socialiste révolutionnaire a besoin d'une discipline. Disciplinés, nous tuerons le grand-duc et nous abattons la tyrannie.*” (CAMUS, 1950, p. 18). As suas diferenças com Kaliayev são expostas antes mesmo de se conhecerem, assim demonstra sua reação quando Annenkov fala a Stepan a respeito dele.

Annenkov

Kaliayev. Nous l'appelons aussi le Poète.

Stepan

Ce n'est pas un nom pour un terroriste.



Annenkov, riant

Yanek pense le contraire. Il dit que la poésie est révolutionnaire.

Stepan

La bombe seule est révolutionnaire...

(CAMUS, 1950, p. 21)

Kaliyev, por sua vez, é menos dogmático em suas ações. Não lhe falta coragem para cometer atos terroristas, mas sua crença é de que a ação revolucionária deve transcender o ódio pela tirania e ser um ato de amor à justiça dos homens. Sua determinação só é abalada com a possibilidade de, em consequência de seu ato, assassinar crianças, símbolo da inocência na obra de Camus. *“L'enfant, on le sait, est une figure d'innocence dans l'oeuvre de l'humaniste laïc qu'est Camus. Sa mort représente l'arbitraire, que ce soit l'arbitraire de Dieu dans La Peste ou celui des hommes dans Les Justes”* (GUÉRIN, 2013, p. 21).

#### 4.4 Dora Doulebov

A única personagem feminina que faz parte da *Organisation*, Dora Doulebov, desenvolve um papel central na peça na medida em que ela intermedeia as discussões entre Stepan e Kaliyev. Suas falas são sínteses do embate entre os dois e ressaltam as consequências e os pesos das ações e decisões tomadas no quarto em que o grupo se reúne. *“Le risque est le même pour tous. Celui qui lance et celui qui ne lance pas.”* (CAMUS, 1950, p. 48).

Ela se posiciona além do dogmatismo de Stepan e do idealismo de Kaliyev, suas observações são sempre atentas aos resultados a longo prazo da empreitada. Dora é quem atenta para o risco do uso da violência desenfreada. *“Ouvre les yeux et comprends que L'Organisation perdrait ses pouvoirs et son influence si elle tolérait, un seul moment, que des enfants fussent broyés par nos bombes”* (CAMUS, 1950, p. 59).

Não fosse seu comprometimento ao grupo, poderíamos dizer que se trata de uma voz exterior que consegue analisar os desdobramentos da empreitada. Mas é devido a sua participação no movimento que poderia levar seu povo à justiça ou a mais violência. *“Si la seule solution est la mort, nous ne sommes pas sur la bonne voie. La bonne voie est celle qui mène la vie, au soleil. On ne peut avoir froid sans cesse.”* (CAMUS, 1950, p. 135).

Dora atenta para o destino trágico do grupo. O Sol e o calor, figuras significativas para Camus e que incorporariam a noção de felicidade, são elementos que fogem aos companheiros de *L'Organisation* na medida em que estes só alcançariam seu objetivo em sua morte. Dessa forma, ela é quem mais sofre pela condenação de Kaliayev, pois o ímpeto de viver do companheiro é interrompido pelas mãos do carrasco. “*Nous ne sommes pas de ce monde, nous sommes des justes. Il y a une chaleur qui n'est pas pour nous.*” (CAMUS, 1950, p. 88).

## 5. CONCLUSÃO

A peça *Les Justes* se apresenta de forma coerente no contexto das obras de Camus na medida em que reforça as ideias desenvolvidas no ciclo da revolta, ao qual a obra pertence, e no ciclo do absurdo assim como em seu engajamento político desenvolvido além de sua vida literária. A obra é uma negação do niilismo ao condenar a morte de inocentes que, por uma armadilha do acaso ou do absurdo, estão presentes na hora da explosão de uma bomba. Embora na peça a ação revolucionária por si só se mostra, não somente, como uma ação válida, mas como uma ação necessária, seus métodos são questionados o tempo todo quanto sua legitimidade e eficácia.

Camus é, portanto, um defensor da vida humana em primeiro lugar. Se em *Le Mythe de Sisyphe* ele argumenta que, embora haja o absurdo na vida humana, é preciso viver, não existiria outra opção coerente para o autor que não seja condenar o terrorismo que sempre acaba por ceifar vidas indiscriminadamente. Será esta sua posição tanto ao defender a extinção da pena de morte quanto ao tentar mediar os conflitos entre árabes e franceses na sua terra natal, a Argélia. Ao assumir o compromisso ético com a vida, o terrorismo torna-se uma ferramenta insustentável independentemente dos grupos ideológicos que a utilizam, ela não somente causa o dano presente pelas mortes causadas mas também o dano futuro com a possível sociedade que iria surgir dessas ações.

Uma defesa tão inflexível da vida humana, em uma época de polarização extrema como era aquela vivida por Camus, acabou por isolá-lo no campo filosófico, onde ele não se encaixava em nenhum dos pólos da Guerra Fria. Seu foco no teatro ao final de sua curta vida foi reflexo desse isolamento forçado. Mas foi no exercer de uma de suas paixões que ele encontrou uma maneira de enfrentar o absurdo até que o absurdo o encontrou em um acidente de automóvel que resultou em sua morte precoce.

**REFERÊNCIAS**

ALBÉRÈS, R. *et alii.* (1964) *Camus*. Paris: Hachette, 1967. Collection génies et réalités.

CAMUS, A. (1951) *L'Homme Révolté*. Paris: Gallimard, 2015.

CAMUS, A. (1950) *Les Justes*. Paris: Gallimard, 2015.

DROZ, B. Le cas très singulier de la guerre d'Algérie. *Vingtième Siècle*, n. 5, p. 81-90, 1985.

GUÉRIN, J. *Albert Camus: Littérature et politique*. Paris: Honoré Champion, 2013.

SILVA, N. A. G. da. *A revolta na obra de Albert Camus: Posicionamento no campo literário, gênero, estética e ética*. 2008. 210 f. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

ZARETSKY, Robert. Making Peace With Violence: Camus in Algeria. *New York Times*, jan. 2016. Disponível em: < <http://opinionator.blogs.nytimes.com/2016/01/22/making-peace-with-violence>>. Acesso em: 30 ago. 2016.